

Prefácio

Em 1999, a Eerdmans publicou meu comentário intitulado *The Book of Revelation* na série New International Greek Testament Commentary. Desde sua publicação tenho recebido muitos pedidos para escrever um breve comentário sobre o Apocalipse que fosse mais acessível a pastores, estudantes e cristãos em geral. Assim, catorze anos depois, decidi atender a esses pedidos, e o resultado é o presente comentário “abreviado” sobre Apocalipse. G. K. Chesterton certa vez observou: “Embora São João, o evangelista, tenha visto muitos monstros estranhos em sua visão, ele não viu criaturas tão selvagens como um de seus próprios comentaristas” (*Orthodoxy* [Nova York: John Lane, 1908; reimpr. São Francisco: Ignatius, 1995], 21-22). Minha esperança é que Chesterton não inclua o meu comentário de 1999, nem este “abreviado” nessa avaliação.

Ao embarcarmos na tarefa de escrever um comentário, geralmente nos perguntamos se há realmente a necessidade de mais um. No caso de Apocalipse, eu acreditava que no final dos anos 1980 ainda faltava um comentário que fizesse o seguinte: (1) estudasse as alusões ao Antigo Testamento de um modo mais incisivo do que antes; (2) estudasse como a tradição exegética judaica interpretava essas mesmas alusões e como tais interpretações se relacionavam com o uso em Apocalipse; (3) delineasse com mais precisão a argumentação exegética de Apocalipse, o que alguns dizem ser difícil de fazer em razão da natureza por vezes ambígua da literatura visionária; (4) interagisse com a enorme quantidade de literatura secundária publicada desde a época dos monumentais comentários de Charles e Swete no início do século 20. Minha intenção ao escrever o comentário era oferecer uma exegese de Apocalipse que fosse útil principalmente para estudiosos, professores, pastores, estudantes e outros seriamente interessados em interpretar Apocalipse para benefício da igreja. Esse foi também um comentário que se baseava no texto grego de Apocalipse, embora eu geralmente fornecesse a tradução em inglês entre parênteses após as palavras e expressões gregas, para que os que não tivessem proficiência em grego também pudessem tirar proveito da leitura do comentário.

No entanto, neste breve comentário eliminei a maior parte das referências ao grego, à literatura secundária e à discussão de interpretações judaicas de passagens do AT que são utilizadas em Apocalipse. Consequentemente, há ideias neste comentário

V

Prefácio

para as quais não há referências à literatura primária nem à secundária. Essas referências aparecem no comentário maior e podem ser consultadas por aqueles que desejarem maior fundamentação do que ofereço neste. Em última análise, o comentário maior é uma grande nota de rodapé para este breve comentário. Não obstante, mantive o foco na discussão de muitas das alusões ao AT que estavam incluídas no original, embora sem a maior parte da base verbal grega para as alusões. Também preservei a maior parte da argumentação exegética importante ao longo de Apocalipse.

A diferença mais óbvia é que este breve comentário é bem “mais breve” que o original. Os excursos em fonte menor e espaçamento simples do comentário original foram eliminados, e o conteúdo e a argumentação essenciais de cada capítulo foram preservados em forma remodelada. Algumas nuances de interpretação e opções na interpretação de passagens problemáticas não foram mantidas; o foco está agora nas alternativas interpretativas mais prováveis.

Não tentei interagir com a literatura secundária publicada desde a edição do meu comentário em 1999, uma vez que minha intenção era cortar a maior parte das referências à literatura secundária do original. Na verdade, este breve comentário é “mais longo” que a maioria dos comentários mais breves, e o aumentaríamos ainda mais se tentássemos um envolvimento com a literatura secundária publicada desde 1999. Além disso, embora algumas das minhas interpretações de passagens específicas tenham sido influenciadas por parte desse material publicado posteriormente, minha argumentação geral e a essência do comentário não seriam alterados significativamente. Por fim, o envolvimento com a literatura secundária posterior não serviria ao propósito deste breve comentário: tornar meu primeiro comentário mais acessível a pastores, estudantes e cristãos em geral.

Uma palavra especial aos pastores e professores: os títulos em frase completa no início de cada seção ou subseção do comentário representam as conclusões exegéticas da seção e podem servir de base para as ideias homiléticas. E, para todos os leitores deste breve comentário, além do meu comentário maior na série *New International Greek Testament Commentary* (1999), recomendo os seguintes comentários e outras obras sobre o Apocalipse como particularmente úteis. Alguns são trabalhos sérios de erudição e outros são obras mais populares.

Richard J. Bauckham. *The climax of prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edimburgo: T. and T. Clark, 1993.

_____. *The theology of the Book of Revelation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

G. B. Caird. *A commentary on the Revelation of St. John the Divine*. Londres: A. e C. Black; Nova York: Harper and Row, 1966.

- Colin J. Hemer. *The letters to the seven churches of Asia in their local setting*. Sheffield: JSOT, 1986.
- William Hendriksen. *More than conquerors: An interpretation of the Book of Revelation*. Grand Rapids: Baker, 1962 [*Mais que vencedores*. São Paulo: Editora Cultura Cristã].
- Alan F. Johnson. *Revelation*. Expositor's Bible Commentary 12; Grand Rapids: Zondervan, 1981, 397-603. Publicado separadamente, 1996.
- Dennis E. Johnson. *Triumph of the Lamb: A commentary on Revelation*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2001.
- Martin Kiddle, com M. K. Ross. *The Revelation of St. John*. Moffatt New Testament commentary; Londres: Hodder and Stoughton, 1940.
- R. H. Mounce. *The Book of Revelation*. New International Commentary on the New Testament; Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- Grant R. Osborne. *Revelation*. Baker Exegetical Commentary on the New Testament; Grand Rapids: Baker, 2002.
- Vern S. Poythress. *The returning King: A guide to the Book of Revelation*. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 2000.
- Stephen S. Smally. *The Revelation of John: A Commentary on the Greek Text of the Apocalypse*. Downers Grove: InterVarsity, 1979.
- J. P. M. Sweet. *Revelation*. Filadélfia: Westminster; Londres: SCM, 1979.
- M. Wilcock. *I Saw Heaven Opened: The Message of Revelation*. Downers Grove: InterVarsity, 1975.

Sou especialmente grato a David Campbell por me incentivar e ajudar a produzir este breve comentário. Ele me ajudou a decidir o que manter de cada capítulo do original e o colocou numa forma remodelada inicial, a qual então revisei. Este projeto teria demorado muito mais e talvez nunca tivesse sido concluído não fosse o trabalho de David. Contudo, sou responsável pela forma final desta obra.

Um pouco de observações sobre alguns aspectos estilísticos do comentário são pertinentes. A tradução-padrão é a *New American Standard Bible*; * onde houver diferenças, é o resultado da minha própria tradução. Os pronomes para Deus e Cristo estão em letra maiúscula, seguindo o estilo da NASB. ** Nas referências gerais à Septuaginta, cito o eclético texto grego da edição de Rahlfs e às vezes uso um texto dependente apenas do Codex B (*The Septuagint Version of the Old Testament and*

* Nesta edição em português foi usada a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) [N. do T.].

** Nesta edição em português optamos por usar os pronomes para Deus e Cristo com inicial minúscula, como aparece na versão ARA da Bíblia. (N. da R.).

Prefácio

Apocrypha with an English Translation [Grand Rapids: Zondervan, 1972], publicada mediante acordo especial por Samuel Bagster and Sons, Londres). Quando a edição grega de Rahlfs difere na numeração de capítulos e versículos da edição greco-inglesa de Bagster (codex B), sempre coloco a referência de Rahlfs primeiro e em seguida a de Bagster entre parênteses ou colchetes. Por exemplo, em Daniel 4 e em partes de Êxodo (caps. 35–40) e Jó (especialmente caps. 40–41), a versificação é distinta entre as diferentes edições impressas da LXX, incluindo a edição de Rahlfs e a de Bagster. Essa convenção estilística permitirá que aqueles que não conhecem o grego sigam a Septuaginta numa edição inglesa imediatamente disponível, mesmo em trechos em que ela difere na versificação da edição grega padrão de Rahlfs. Além disso, em Daniel uso às vezes “LXX” para me referir à antiga versão em grego (outras vezes simplesmente me refiro a “OG” ou “Old Greek” [“GA” ou “grego antigo”]) e “Teod.” para me referir à tradução de Teodócio, que está de acordo com o sistema da Rahlfs. Agora também está disponível a *New English Translation of the Septuagint*, organizada por Albert Pietersma e Benjamim G. Wright (Oxford: Oxford University Press, 2007), em que traduções duplas do AT grego podem ser encontradas (p.ex., grego antigo de Daniel e Teodócio de Daniel).

G. K. BEALE

Prefácio

Gostaria de agradecer ao professor G. K. Beale pelo privilégio de trabalhar com ele neste esforço, na esperança de que ele torne seu comentário original acessível a um público bem mais amplo. Quero também agradecer a inestimável assistência do meu ex-estagiário pastoral David S. Balmford, que meticulosamente conferiu uma a uma as milhares de referências bíblicas e deu muitas sugestões relevantes para tornar mais agradável a leitura do texto. Agradeço também ao meu amigo Chris Homans por me ajudar a cumprir os prazos. Sou grato pelo apoio dos presbíteros e da congregação da Trinity Christian Church que voluntariamente me liberaram pelo tempo necessário para concluir este projeto. Agradeço o apoio dos meus filhos, Katie (Josh), Anna (Chris), Michael, John, Rachel, Sarah, Julia e James. Por último, e principalmente, sou grato pela bênção que é minha esposa Elaine, pois sem seu apoio e encorajamento nestes últimos trinta anos eu certamente estaria absolutamente perdido.

DAVID H. CAMPBELL